

DOENTES FLORES NOS
DAS JANELAS PEITORIS



FELIPE COLARES

Doentes flores nos peitoris das janelas

Poemas e edição por Felipe Colares
Ilustrações por Tâmiza Câmara

Sumário

Sermão do anacoreta – 6

I – Isolamento

Isolamento – 8

Paisagem – 9

Passagem – 10

Sala de vidro – 11

Horta de símbolos – 12

As janelas – 13

Carta extraviada a 1940 – 14

À deriva – 15

Alienação – 16

A pé do tudo ao nada – 17

Monólogo caseiro – 18

Discurso austrífero – 19

II – Amor

Num avião sobre o atlântico – 21

Gazing – 22

Estação Laranja – 23

Todo o amor – 24

Devir – 25

III – Medo

Medo de amar – 27

Ampulheta – 28

Efêmero – 29

Feixe de nervos – 30

Abulia e Acrasia – 31

Palavras levadas com o vento – 32

O medo – 33

IV – Confusão

Frutos de dúvida – 36

A primeira valsa – 37

Silhueta vazia – 38

Véu – 39

Horizonte de eventos – 40

Sobre o autor – 42

*A Williane, Maria Luísa, Tâmiza
e todos os meus colegas
de tempo e de cruz.*

*Enquanto eu dormia
O mundo ruía
E no próximo dia
A liberdade do caos*

Sermão do anacoreta

*Seguem pinturas escritas
Das semanas num corpo que anela
Do silêncio que cruzou esquinas
Do viver através das janelas*

*Do isolamento e vida restrita
Do amor que sustenta e alegra
Do medo que isola e constricta
Da confusão trismegista que sobra*

*E, se do céu que guardou esse tempo
Minh'alma ameaçar olvidar
Bastará simples toque e rebento
Em mil direções a lembrar*

*Das cicatrizes soturnas e lástimas
Dos dias calados que somem poentes
E dos peitoris regados com lágrimas
Donde nascerão mil flores doentes*

Capítulo I

Isolamento

Isolamento

Alvor de quase-dia
O murmurar dos carros
Se ouve como o martelar de pregos
Do caixão de onde escrevo

Nos odeiam tanto
Que se banham de sangue sem sentir
Ou talvez só se odeiem aos nossos olhos
Mas será tarde demais para descobrir

Paisagem

Bonita é a cor dos prédios iluminados
Nas isoladas e silenciosas tardes natalenses
Onde o varrer das folhas e cantar dos pássaros
Sobrepuja o ruir do futuro
E verte dos corações a desejada e alienante
Tranquilidade

Passagem

Ó mundo triste e desolado
Que prantos alimenta com desilusão
Imploro que tenhamos todos herdado
Motivos além de longa expiação

Para que, em ti exilados frente ao absurdo
E apesar do pesar destes fardos
Teus feixes de luz suprimam o escuro
E enfeitem os cantos de nossos quartos

Sala de vidro

Ruído rápido rompe o silêncio
E rói o meu ouvido, roque, roque
Repete, ruído, repete e rói mais rápido
Repete até eu não ouvir mais o meu arredor
Repete e retifica o rabisco dessa cena
Solto sozinho nas entrelinhas
Flutuo no céu azul

Horta de símbolos

Do amanhecer, o tempo transborda
Como o romper de uma barragem
Barragem que guarda as infinitas
possibilidades
Como meus versos opacos guarnecem meus
[pensamentos]

As janelas

As vezes, no apático silêncio,
Das janelas gritam-se abraços
E choram-se as mortes

A todos por trás dessas janelas
Que a vocês eu também seja
Mais que um pedaço de vidro e metal

Que as lágrimas que me correm
Atravessem tais janelas
E com suave toque no rosto
Confortem os seus corações

Carta extraviada a 1940

Caro amigo Drummond
Me desculpe os anos de atraso
Com que lhe respondo a oferta
Com o tombar do meu presente imenso
Queria apertar-lhe a mão
E agradecer pelo fardo de ser presente
E por estares presente
Quando seu corpo é passado.

Quando por esta caneta,
Dou-lhe a mão,
Sinto como doeu, e como dói!

À deriva

Céu nublado, meio dia para as três
Na mesma fotografia de ontem e amanhã
Boio como um cadáver
No silêncio da qualquer-feira

Alienação

Ó, a falta que me faz a grama da superfície
Que me acariciava a sola dos pés
Ó, a falta que me faz os sussurros dos bichos
Que conversam como se eu vos entendesse
Ó, a falta que me faz a brisa melíflua
Que me enchia os pulmões e esfriava o corpo
Ó, a falta que me faz a chuva fria
Que lava o solo e os meus pecados
Ó, a falta que me faz a infinda terra
Onde corria eu até não conseguir

É com este último átimo de saudades
Antes de mergulhar no torpor do subsolo
Que me pesam estas lembranças
Mas pesam-me mais as costas adustas
Castigadas pelo sol que se aproxima a cada dia
Agora nessa guarida, me encolho e sugo raízes
E sobrevivo com pequeno feixe solar
Que me aquece o corpo, mas não me queima.

A pé do tudo ao nada

Quero correr, o mais rápido que puder
Correr até ficar parado ser estranho
Descobrir se após tanto tempo sem ver
Esse mundo além existe além-mundo

Se por trás dos prédios, correm carros
Se por trás dos morros, morre gente
Se depois das janelas há algo
Que à minha vontade alimente

Quero correr, mais rápido que o tempo
Ver o que sucederá isso tudo
E, correndo enquanto me retarda o vento
Me perder e sumir nesse absurdo

Monólogo caseiro

Desperto e flutuo calado
Calor no rosto em feixe de luz
Me levanto letárgico
E não me recordo
Minha última palavra
De que valem as palavras nessa absurdidade?
Os pés sensíveis no chão frio
Lábios secos selados e sedentários
Os pequenos períodos marcados
Ranger das portas
Abrir das janelas
Soar dos talheres
Há dias, meses, anos
O monólogo caseiro pacato
Com todas suas perguntas
Soltas e mortas por esta rua

Discurso Austrífero

Chuva torrencial
Cachoeira de estática sonora
A natureza emudece o ódio
E respirações profundas me afundam na cama
O sol amanhã nascerá como hoje

Capítulo II

Amor

Num avião sobre o Atlântico

Por entre suspiros em tarde imaculada,
Em meu nariz, ouvido, meus olhos, só sinto,
Teu cheiro, tua voz, tua face dourada,
Frente ao laranja do céu tinto.

E, se gritar nestes tempos ainda fizesse
[sentido,
Faria teu nome ecoar nos prédios da cidade.
Vertendo em busca do teu peito-abrigo,
Como lágrimas que me correm o rosto de
[saudade.

Gazing

Aguardo e admiro contente
O irromper das suas mais tímidas e singelas
[frações
Que, assim como as cores refratadas nas gotas
[de chuva
Só se mostram a quem espera

Estação Laranja

Olhos abertos, ouvidos inquietos
Corpo desperto levanta e observa
A chuva e acorda em leva
A cidade que levanta e já fora da cama
Guarda lembrança das salas pintadas
Do laranja ardente que aquece o peito
E traz o teu rosto à minha mente
Frente a sinfonia urbana do acordar coletivo
Eu me sento, observo, aprecio e penso em ti.

Todo o amor

Durante essas noites cálidas
Deito minha cabeça e cansaço
E agradeço a ti cada passo
Junto às minhas mãos pálidas

E sempre que deito, desejo
Que aqui estivesse teu peito
E com ele, carícias, teu jeito
Que alegram tudo que vejo

E se hoje respiro sem medo de ser
É pelo amor teu, que acolhe e acalma
E desperta em mim um desejo n'alma
De dar-te todo o amor que mereces ter

Devir

No horizonte, até onde a luz alcança,
Que o futuro nos guarde amor e bonança.
Que nos mude tanto e sempre o tempo vil,
Para que eu ame como ao teu rosto hoje,
[teus outros mil.

Que a cada grão de areia a cair noutro lado,
Seja mil beijos ou lágrimas, abra imaculado
Largo sorriso contente no rosto enrugado,
Que ama o presente tanto quanto o passado.

Capítulo III

Medo

Medo de amar

O verso que hoje chora
Amanhã segue sem paz
O amor que te consola
Murchou e agora jaz

Sepultado neste solo condenado
Donde nascem essas flores doentes
Por culpa tua, parvo abandonado
Que com medo semeou tais sementes

E com o sol que morre no oeste
Vão-se as vãs esperanças
De que merecias amor este
Que reina agora tuas lembranças

Ampulheta

Caminho triste
Onde um passo torto
Ou um passo certo
São um passo dado
E um abraço emotivo
No medo sempi-derme
De que cada passo dado
Seja menos um passo a se dar

Elegia

Tanto silêncio me sufoca
Tanto silêncio só engana
O tempo vetusto rasteja
E se desfaz em alva poça lunar
Escorrendo nos cantos das ruas
Bueiro adentro aos esgotos

Mas me engana em passo tácito
Por trás do fino véu
Onde se projeta tudo que a mim existe
Ele segue infrene e impiedoso
E, enquanto me mantenho parado,
Perco a vil corrida.

Feixe de nervos

Dispara meu peito
Calma
Tiro pro alto, brilha o apito
O tênis, suor
A pista escorre nas pernas
Respira, 1, 2
Arquibancada, grito, perna, cansaço
Contraí, contraí, contraí
O quê? Por quê?
Minha cama, calma
Onde? Na carteira?
Cabeça pra cima, respira!
Borracha queimada
Boca seca respira
Aqui, água, bebe
Muito fria, muito frio
Quem disse? O quê?
Por que tanta coisa?
Escuro.

Abulia e Acrasia

Com o abrir dos olhos ao brilhar alaranjado
Vi a chama espalhar pelo chão ressequido
Semidesperto e com o pé queimado
Me vejo em sufoco inquieto e aflito

No epicentro infernal desse incêndio caseiro
Ou apago as chamas ou fujo da casa
Se fácil fosse, escolheria o primeiro
Mas fugir é perder tudo que me basta

O crepitar incessante marcando o compasso
Conta os segundos daqui para lá
Se passam mais vinte e sem nenhum passo
Desabo e comigo a casa a queimar

Palavras levadas com o vento

Com os dedos como que antenas para o céu
Rogo e clamo por controle e conforto ao léu
E espero o cálido abraço paterno

O suspense desse lapso eterno
Se dilui em amarga desilusão
E em um frio inquietante de solidão

Com o silêncio que desce do céu todo dia
Se faz o chão dessa infinda romaria
Que seguirá até onde alcanço o tempo

O medo

Viver é temer

É o reinado do medo em toda sua altivez

O medo que une amigos

O medo que pare amores

O medo que nos alimenta

Também é o que nos devora

É o medo de que o tempo não passe

E o medo de que o tempo passe demais

É o medo de temer a tudo

E o medo de não ter o que temer

Ó corpo sufocante, o quanto te temia eu

Temia verter teu sangue

Temia calar teu peito

Temia cada protesto teu

Como também temia teu silêncio

E como temi tua morte
Que esgueirava calada
E num abraço lúgubre
Me pintou um átimo de placidez
E nos sepultou nessa terra

Agora estou morto, sem medo e sozinho
Sem nem mesmo minha companhia
Só este vazio mais escuro que a noite
Que cheira a poeira e luar.

Capítulo IV

Confusão

Frutos de dúvida

Assobios da ventania pela janela
Sussurro que soa como suspiro calmo
E o suspense sem fim que ele gera
Cria raízes que descem um palmo
Dois palmos, três palmos
E sustentam corpo eterno
Que cresce, fortalece e floresce
Despejando seus frutos de dúvida
Para infinitas futuras gerações
A carne dura menos que qualquer madeira

A primeira valsa

Um estranho no lago
O farfalhar das folhas
E os leves ruídos de uma chuva de primavera
Gotas caem na água como quem volta ao lar
E a cada romper da tensão, uma nota cintila
Como uma caixa de música
Onde a corda é dada pelo amanhecer
E gaia dança suavemente sob o ar
Visão cruel e inspiradora
Afoga qualquer indivíduo com sua unicidade
Como afoga qualquer dúvida nesta sinfonia
A verdade primeira, delicada primavera

Silhueta vazia

Na espera da espera
Que esperada me esperanceia,
O céu alvacento me encara
E na imensidão me receia

Aguardo o momento em que andar não seja
Cobrir taciturna ferida com sorriso leve
Que deixe de ser necessidade
Mas sim vontade prudente e juvenil

Quando por mim perguntarem
Debaixo desse céu azul anil
Saiba que sou vazio

Assim, de meu rosto aguardo
Um sorriso contente
Que me pinte na terra

Véu

O cantar dos grilos e coaxar dos sapos
Anunciam a queda do véu escuro
Que cobrirá o céu na hora derradeira.
Costurada aos poucos com finos trapos
E hasteada ao topo de mundo duro
Flamula a noite, cruel bandeira.

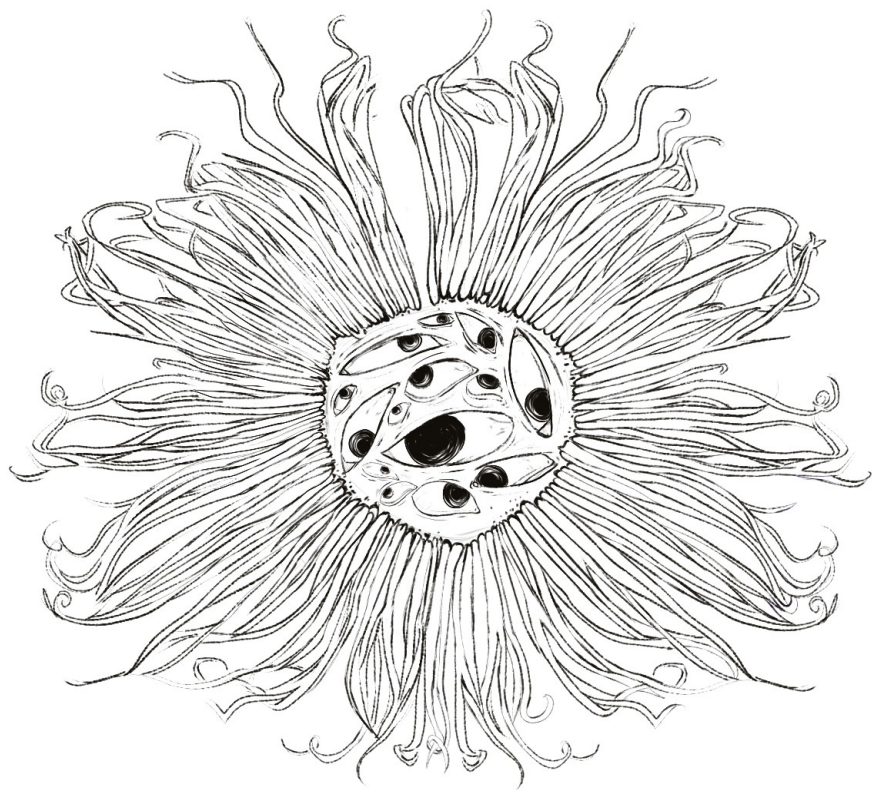
Que guarda o silêncio onde irrompem gritos
Que guarda as ruas onde correm assaltos
Que guarda os bêbados e cantos aflitos
E as rosas ímpares a brotar nos asfaltos.

Véu que cobre os amantes e plenas carícias
E fermenta o solo de onde brotam sonhos
E aos que seguem insones de pura malícia
Resta o diluir da noite e silêncios estranhos.

Horizonte de eventos

De olhos acorrentados ao nascer do Leste
Me brota o desejo de ruir os muros
Ver até onde o horizonte derrete
Em calada amálgama de futuros

E se me dispara o peito e fremem as pernas
Frente a miríade de possibilidades
É por saber que vivências não são eternas
E o passado se desfaz em saudades



Sobre o autor

Felipe Medeiros Colares nasceu em fevereiro de 2000 na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, e cultiva curiosidade pela escrita desde pequeno, mas somente agora dedicou-se a escrever e coletar poemas para compor seu primeiro livro “Doentes flores no peitoril das janelas” lançado de forma independente em 2020.